

CRESCIMENTO DE IGREJA: EM BUSCA DE UM PARADIGMA DE SUPERAÇÃO DA NUMEROLATRIA E NUMEROFOBIA

Growth of church: in search of a paradigm of numerolatry and numerofobia

Prof. Ms. Valtenci Lima de Oliveira¹

RESUMO: O artigo analisa a temática “Crescimento da Igreja”, tão recorrente na eclesiologia hodierna, criticando o modelo de crescimento baseado apenas no quantificável em detrimento de outras características imprescindíveis a saúde da igreja. Também aponta como reducionista e inconsistente a ótica de que o quantificável não importa e sim o qualificável. Nesse sentido propõe a junção dos dois aspectos amparados tanto pelo paradigma do Crescimento Integral da Igreja proposto pelo missiólogo Orlando Costas, como, pelo modelo de Igreja Multiplicadora defendido pela Convenção Batista Brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Eclesiologia; Crescimento; Modelo; Integralidade; Discipulado.

ABSTRACT: The article analyzes the theme "Growth of the Church", so recurrent in today's ecclesiology, criticizing the model of growth based only on the quantifiable at the expense of other characteristics essential to the health of the church. It also points out as reductive and inconsistent the view that the quantifiable does not matter but the qualifiable. In this sense, it proposes the combination of the two aspects supported by both the paradigm of Integral Growth of the Church proposed by the missiologist Orlando Costas and by the model of the Multiplier Church advocated by the Brazilian Baptist Convention.

KEYWORDS: Ecclesiology; Growth; Model; Integrality; Discipleship.

INTRODUÇÃO

Pensar sobre crescimento da igreja no tempo em que vivemos é, sem dúvidas, percorrer trilhas e caminhos já tráfegados por muitos. No Brasil, especificamente, muitas denominações evangélicas tanto históricas, quanto pentecostais e neopentecostais já a muito tempo lançam mão de modelos a fim de que o crescimento aconteça. Na sua maioria, o modelo de crescimento destas igrejas locais se pensa em termos de números, ou seja, do crescimento do rol de membros da igreja local. O grande problema e as perguntas que suscitamos são: a que custo? Seria o crescimento da quantidade de pessoas de uma determinada igreja a medida de seu sucesso eclesiástico? Apenas o crescimento numérico

¹ Valtenci Oliveira é Mestre em Ciências da Religião (SINTEP/EPOE), Especialista em Teologia Bíblica (STBP), Especialista em Teologia Bíblica e Sistemática Pastoral (FABAT); Bacharel em Teologia (STBP/UNIDA); Licenciado em Filosofia (FAERP). Autor de alguns livros, entre eles: “**Fé encarnada:** por uma espiritualidade genuinamente integral (Garimpo Editorial)” e “**O que não é Missão Integral?** (Gilgal)” É organizador e coautor dos livros: **Igreja em Movimento Comunidades em Transformação** (Garimpo Editorial); **Redescobrimo o Evangelho:** A reforma e os desafios da Missão da igreja contemporânea (Garimpo Editorial); **Venha o Teu Reino:** uma igreja para hoje (Ultimato).

deve ser perseguido pela igreja? O sucesso eclesiástico mensurado apenas pela quantificação da membresia de uma igreja tem resultado em transformação de pessoas comuns em discípulos de Jesus Cristo?

Verdade é que presenciamos em busca do tão afamado crescimento, uma eclesiologia difusa e confusa, onde o pragmatismo, levado as últimas consequências, tem trazido uma compreensão reducionista do que seja Crescimento da Igreja.

Hoje, este é um dos principais assuntos de que se ocupam os pastores, missionários e igrejas locais. Desta forma, entendemos ser uma necessidade vital a reflexão sobre ele, abrindo mão dos extremos e buscando o equilíbrio. Isto é, não percorrendo o caminho imposto por uma sociedade pragmatista que impõe a pressa como caminho para o sucesso, nesse caso, o crescimento apenas numérico; mas, também, fugindo do reducionismo de uma eclesiologia e religiosidade que, muitas vezes, para legitimar o fracasso evangelístico e discipular, esconde-se sobre a égide da “piedade”, para estes o crescimento numérico não é importante e sim a qualidade dos discípulos. É assim que se observa por um lado a numerolatria e por outro a numerofobia.

Nesse sentido, a proposta deste artigo é analisar a temática “Crescimento de Igreja”, tão recorrente na eclesiologia hodierna, criticando o modelo de crescimento pragmático, onde o importante é o fim e não os meios utilizados, baseado apenas no quantificável em detrimento de outras características imprescindíveis a saúde da igreja. Por outro lado, o texto, aponta como reducionista e inconsistente a ótica de que o quantificável não é um conceito importante, mas a piedade e a qualidade dos discípulos de Jesus. Assim, mesmo em nossa compreensão de que os aspectos quantidade e qualidade são distintos, defendemos que não precisam ser disjuntos, citando o sociólogo francês Edgar Morin, “deve existir complementariedade”. Nem um extremo, nem outro! Portanto, apresenta, a junção dos dois aspectos amparados tanto pelo paradigma do Crescimento Integral da Igreja proposto pelo missiólogo Orlando Costas, como, pelo modelo de Igreja Multiplicadora defendido pela Convenção Batista Brasileira, na tentativa de fomentar um paradigma de Crescimento da Igreja, que supere os problemas e malefícios causados tanto pela idolatria quanto pela fobia dos números.

Crescimento da igreja: quantidade ou qualidade?

Não há como negar o fato de que a Bíblia Sagrada apresenta o crescimento numérico da igreja com uma verdade irrefutável. A igreja precisa crescer numericamente! É estranho as Escrituras a esterilidade numérica da igreja. Não há base bíblica para o discurso da fidelidade

em detrimento dos números. Portanto, o medo do crescimento numérico também reflete um sintoma patológico de igrejas que defendem o slogan qualidade sim, crescimento não, como se a questão da quantificação fosse um pecado do qual a igreja deva manter distância.

Ao olharmos para as Escrituras encontramos Jesus Cristo, que iniciou a igreja com 12 discípulos (Lc. 6:12-16), mais tarde ele envia 72 discípulos (Lc 10:1). O número continuou a crescer e após a morte, ressurreição e ascensão de Jesus, encontramos na festa de Pentecostes em Jerusalém 120 discípulos (At 1:15), depois 3.000 convertidos (At 2:41), em outra ocasião mais 2.000 convertidos (At 4:4). A igreja experimentava um crescimento numérico diário (At 2:47). Portanto as Escrituras provam que a igreja crescia numericamente. É interessante como o próprio apóstolo Paulo reconhecia que o crescimento da igreja não era algo meramente humano mas divino. Ele afirma: “Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fez crescer” (I Co 3.6).

Mas entendemos que este crescimento era acompanhado pelo ensino dos apóstolos cujas cartas, especialmente, as paulinas, serviam a esse fim. O crescimento numérico não era divorciado da ortodoxia bíblica e do discipulado diário vital para a saúde da igreja. Isto é, a igreja crescia pela oração e pregação da Palavra de Deus e o crescimento não era simplesmente numérico, mas doutrinário, relacional e diaconal, entre outros aspectos.

Então, qual o problema quanto ao crescimento numérico? Nenhum; desde que ele não se torne um fim em si mesmo! É preciso compreender que o termo crescimento no que diz respeito ao Reino de Deus não é vinculado, especificamente, apenas a questão numérica.

Uma outra questão sobre o problema do crescimento numérico, para além da preocupação com a ortodoxia e discipulado, está relacionado a forma como este crescimento é buscado e alcançado. John Machucar, sobre o crescimento numérico da igreja afirma:

Os cristãos precisam buscar o crescimento numérico da igreja, mas não a qualquer custo. Os métodos utilizados para alcançar o crescimento numérico precisam passar pelo filtro da Escritura. Não podemos deixar-nos seduzir pelo pragmatismo, que não busca a verdade, mas apenas o que funciona².

É de fundamental importância que o crescimento do número de discípulos se dê pelo crescimento da Palavra de Deus. Quando olhamos para o Novo Testamento constatamos que as conversões se davam numa ambiência que jungia oração e pregação bíblica, que resultavam em vidas que, compungidas, confessavam seus pecados recebendo a Jesus como Salvador e Senhor.

Pensando no crescimento numérico saudável da igreja, Hernandes Dias Lopes, defende que ele só será possível quando a igreja alia oração e pregação.

² MACARTHUR, John. **Como devemos cultuar a Deus?** Revista Fé para hoje. Editora Fiel, n.10, p.9-10, 2001.

O crescimento da igreja depende do poder da pregação e este depende dos pastores que fazem da pregação e da oração sua maior prioridade. Como resultado da decisão dos apóstolos, a igreja continuou a crescer. “Crescia a palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos, também muitíssimos sacerdotes obedeciam a fê (Atos 6.7)”³

A redução do aspecto do crescimento como sendo apenas crescimento numérico, tem sua origem no MCI, isto é, Movimento de Crescimento de Igreja, criado em 1930 pelo missionário e pastor Donald McGravan que analisou durante mais de vinte anos igrejas em várias partes do mundo, buscando respostas para a pergunta: por que algumas igrejas crescem e outras não?

Donald McGravan considerou o não crescimento numérico das igrejas uma patologia eclesiástica. Isto o levou a fundar em 1961, um instituto para treinar pastores e missionários. Mais tarde o Instituto de Crescimento de Igreja foi anexado ao Seminário Teológico Fuller, na Califórnia, o que fez com que o Movimento de Crescimento de Igreja ganhasse o mundo. Entretanto com os anos o Movimento de Crescimento de Igreja foi tomando novo formato. O fervor missionário inicial foi cedendo lugar para o pragmatismo e a corrida em busca do crescimento numérico, a qualquer custo, foi minando as igrejas que se encantavam cada vez mais com os números. Uma verdadeira numerolatria!

Charles Peter Wagner (1930-2016), professor do Seminário Fuller, com várias obras sobre o crescimento numérico de igrejas, tornou-se um dos principais defensores desta eclesiologia, adotando o liberalismo, o pragmatismo e um misticismo exacerbado, fez com que várias igrejas cultivassem um aspecto idolátrico dos números fazendo com que, o discipulado fosse frágil, e as técnicas de marketing preferidas em detrimento da pregação bíblica consistente. Valdir Steuernagel e Ricardo Barbosa, sobre isso comentam:

A comunidade não é o que mais importa, o que importa são os projetos, as metas, o potencial de cada um. A profundidade foi substituída pela superficialidade, a personalidade se perde no meio da grande massa. Às vezes parece que somos mais vaqueiros do que pastores: estamos mais de olho no número de cabeças do que no cuidado de um rebanho.⁴

Discorrendo sobre o retrocesso do Movimento de Crescimento de Igreja, Paschoal Pirangine Júnior, comenta:

Uma das principais preocupações do Movimento de Crescimento de Igreja era o aumento numérico dos fiéis, como se fosse o único referencial possível de crescimento. Com isso, a teologia do crescimento foi relegada a segundo plano, e as contribuições das ciências sociais eram os elementos mais ressaltados. A grande

³ LOPES, Hernandes Dias. **Pregação Expositiva**: sua importância para o crescimento da igreja. São Paulo: Hagnos, 2008. p.222

⁴ STEURNAGEL, Valdir; BARBOSA, Ricardo (org). **Nova Liderança**: Paradigmas de liderança em tempo de crise. Curitiba: Esperança, 2017. p.11.

questão propunha-se a descobrir que elementos faziam uma igreja crescer numericamente ou, pelo menos, atenuavam os entraves da proclamação.⁵

Este afastamento paulatino das Escrituras e de uma reflexão teológica saudável, grassou e foi sendo pulverizado nas igrejas, arrefecendo o ímpeto missionário e oferecendo uma espécie de evangelho genérico e utilitário, onde a conversão não era mais vista em termos de arrependimento e fé. Para Tim Keller:

O movimento chamado “crescimento da igreja” fez muitas contribuições duradouras para nossa prática ministerial. No entanto, sua ênfase excessiva em técnicas e resultados pode acabar exercendo muita pressão nos ministros, uma vez que deixa de ressaltar a importância do caráter santificado e da soberania de Deus.

6

No rastro do MCI, por exemplo, vimos o surgimento da Confissão Positiva ou Teologia da prosperidade que é uma de suas legítimas herdeiras. Com seu discurso totalmente adaptado, a Teologia da Prosperidade, faz das igrejas onde opera, especialmente algumas da “terceira onda”⁷, conforme cognominou Paul Freston, as igrejas neopentecostais, uma espécie de religião de mercado cuja proposta principal, em algumas, não é pregação bíblica para arrependimento, mas atender as necessidades de uma clientela que a cada dia fica mais exigente. Sobre isto o autor deste artigo escreveu dizendo:

Deus para os teólogos da prosperidade não passa de um Ser mágico, pronto a atender os desejos do Ser humano {...} os teólogos da prosperidade, na intenção de promover o bem-estar do fiel, utilizam a prática da coerção divina, na tentativa de satisfazer as necessidades de sua clientela, buscando, sobre tudo, alcançar e interagir com a sociedade brasileira, em seu sincretismo {...} os pregadores são treinados tanto para comover quanto para convencer os fiéis, levando-os a tomada de decisão. O orador sabedor de seu papel e do poder persuasivo, quase hipnótico, de seu discurso, apela ao sentimento da platéia {...} as pessoas olham para o orador não mais como um simples homem, ou mesmo como um portador da mensagem divina, mas vestem-no da áurea divina. Ele passa a ser uma espécie de homem-deus ou deus-homem, que os levará a obterem lucro e bens...⁸

Portanto, ao pensarmos sobre o tema Crescimento de Igreja, é fundamental o equilíbrio e o entendimento de que o quantificável é tão importante quanto o qualificável e vice-versa, sendo, a dialogia dos aspectos, uma síntese satisfatória quanto ao assunto, a fim de manter as igrejas afastadas dos extremos reducionistas da numerolatria e numerofobia.

⁵ PIRAGINE, Paschoal. **Crescimento integral da Igreja**. Um crescimento em múltiplas direções. São Paulo: Vida, 2006. p.31

⁶ KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

⁷ Paul Freston, afirma que “a terceira onda tem início nos anos 70 e 80 e as principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça. Por inovar em técnicas de marketing, discurso e etc, estas e outras que seguiram o mesmo perfil, dando ênfase, principalmente, a cura divina e a prosperidade financeira, ficaram conhecidas como Neopentecostais. In: FRESTON, Paul. **Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Campinas, Tese de Doutorado, IFCH-Unicamp, 1993.

⁸ OLIVEIRA, Valtenci. **Fé Encarnada**: por uma espiritualidade genuinamente integral. São Paulo: Garimpo/ALEF, 2017. p.71

Superando os extremos: crescimento integral

Ao pensarmos em como superar o modelo de Crescimento de Igreja proposto pelo MCI e, vencermos o reducionismo provocado pelo extremo oposto que é a esterilidade numérica, nos deparamos com duas propostas que devem ser consideradas pelos pesquisadores do assunto em questão. A primeira delas é a do Missiólogo portoriquenho Orlando Costas⁹, que ao que parece, como uma reação ao MCI, fomenta o paradigma do Crescimento Integral da Igreja. Longe de se situar nos extremos dos números ou da piedade exacerbada que limita os números, o missiólogo lança os alicerces de uma teoria de Crescimento de Igreja que leva em consideração o crescimento em termos de integralidade, o que deve ser percebido em quatro dimensões. Portanto, Costas, entende o crescimento de igreja numa perspectiva multidimensional.

Se o crescimento da igreja é um processo multidimensional, se a igreja é uma realidade dinâmica e complexa e se cresce como criação divina e comunidade de fé, então se faz necessário estabelecer uma teoria integral de seu crescimento. Portanto, propomos a seguinte definição: “O crescimento da igreja é um processo de expansão integral e normal que se pode e se deve esperar da vida e missão da igreja como comunidade do Espírito, Corpo de Cristo e povo de Deus.”¹⁰

O termo “multidimensional” para Costas se refere as dimensões de Crescimento especificadas por ele, cujo resultado é o que chama de Crescimento Integral da Igreja. Assim, a primeira dimensão elencada é a numérica. Costas compreende, que como organismo a igreja não pode prescindir do crescimento numérico por meio da evangelização e obra missionária. Aliás, ao que se depreende de sua teoria, é que se formos pensar o termo “organismo” biologicamente, tendemos a concluir que todo organismo saudável cresce, com novas células, novos tecidos, etc. Para ele, não é admissível que a igreja, não se lance numa arremetida para cumprir a Grande Comissão. Assim, ele afirma que a proclamação do evangelho é fundamental para o crescimento da igreja em termos numéricos.

Por crescimento numérico, entendemos a reprodução que experimenta o povo de Deus ao proclamar o evangelho e chamar homens e mulheres ao arrependimento de seus pecados e à fé em Jesus Cristo como Senhor e Salvador de suas vidas; a incorporar a uma comunidade local de crentes os que respondem afirmativamente e incluí-los na luta do Reino de Deus contra as hostes do mal.¹¹

⁹ **Carlos Caldas Orlando Enrique Costas** (1942-1987), natural de Porto Rico, foi um dos mais brilhantes, lúcidos e articulados pensadores que o protestantismo evangelical latino-americano produziu. Apesar de ter vivido apenas 45 anos, produziu muito. Vários de seus livros e artigos foram publicados em espanhol e em inglês, e sua teologia é bastante conhecida nos seminários teológicos de língua espanhola e inglesa. (Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/316/a-contribuicao-de-orlando-costas-para-a-compreensao-da-missao-integral>> Acesso em: 20 maio 2019.)

¹⁰ COSTAS, Orlando E. **Dimensões do Crescimento Integral da Igreja**. In: Steuertnagel, Valdir Raul (org.). A missão da Igreja: uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a igreja na antevéspera do terceiro milênio. Belo Horizonte: Missão Editorial, 1994.p.12

¹¹ Idem, p.13

Desta forma, é impensável uma igreja que não compreenda que sua missão tem a ver, necessariamente, com o crescimento no número dos discípulos. Assim, corroborando com o pensamento de Costas, de que o crescimento do número de discípulos precisa ser perseguido pela igreja, Hernandes Dias Lopes, afirma:

Todo pastor anseia pelo crescimento da igreja! Todo pregador deve buscar o crescimento da igreja. Jesus, o mestre supremo, veio buscar e salvar o perdido. “A Bíblia não considera o evangelismo uma opção pastoral, mas um mandato pastoral”. Fazer discípulos de todas as nações é o mandamento urgente e imutável de Jesus para a sua igreja. Não podemos satisfazer-nos com a esterilidade da igreja. Um corpo sadio deve crescer. Portanto, devemos trabalhar e orar sinceramente pelo crescimento da igreja.¹²

Todavia, conforme já visto, o crescimento numérico não deve se constituir num fim em si mesmo! Seria um reducionismo entendermos o termo “crescimento” no que diz respeito a igreja, apenas neste aspecto ou dimensão. É assim que Orlando Costas trabalha em sua teoria do Crescimento Integral uma segunda dimensão, a Orgânica.

A dimensão orgânica tem a ver com questões de cultura e contextualização, formação e mordomia, comunhão e celebração. Ela nos confronta com a necessidade de que a igreja seja uma comunidade autóctone, crioula, que forma seus membros, administra seu tempo, talentos e recursos, fomenta a comunhão dos fiéis entre si e com seu Deus e celebra a sua fé em linguagem popular, incorporando criticamente seus símbolos, criações e valores, identificando-se com sua situação histórica e social.¹³

O crescimento orgânico é parte essencial do crescimento da igreja. Se faz necessário que a igreja esteja atenta a questões internas. Neste ponto diríamos que a igreja precisa pensar introspectivamente. Até porque, é muito provável que se, localmente, uma igreja não se organizar em termos de governo eclesiástico, liturgia, relacionamentos, liderança, pastoreio, questões financeiras, estrutura física e etc, ela terá dificuldades em gerir seu crescimento numérico, podendo, até mesmo, decrescer no número de membros.

A dimensão orgânica é tão importante que a medida que a igreja cresce numericamente algumas questões atinentes a ela precisarão passar por revisões e atualizações a fim de, até mesmo, não limitar o crescimento numérico da igreja. Discorrendo sobre isso Timothy Keller, comenta:

O estilo funcional da igreja, suas forças e fraquezas, e o quanto o papel de seus líderes leigos e equipe mudará radicalmente na medida em que seu tamanho muda. Uma das razões mais comuns de erro na liderança pastoral é o desprezo pelo significado do tamanho da igreja. O tamanho da igreja tem um enorme impacto em

¹² LOPES, Hernandes Dias. **Pregação Expositiva**: sua importância para o crescimento da igreja. São Paulo: Hagnos, 2008. p.217

¹³ COSTAS, Orlando E. **Dimensões do Crescimento Integral da Igreja**. In: Steuertnagel, Valdir Raul (org.). A missão da Igreja: uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a igreja na antevéspera do terceiro milênio. Belo Horizonte: Missão Editorial, 1994.p.113

seu funcionamento. Existe uma “cultura do tamanho” que afeta profundamente a tomada de decisões, o fluxo dos relacionamentos, a avaliação da eficácia e as ações de seus ministros, equipe e líderes leigos. Nós tendemos a pensar nas maiores diferenças entre as igrejas principalmente em termos denominacionais e teológicos, mas isto subestima o impacto do tamanho na operacionalidade da igreja.¹⁴

E desta forma, Costas, valoriza a dimensão orgânica, entendendo a importância dos aspectos voltados a funcionalidade da igreja para seu crescimento integral.

Até agora vimos dois aspectos da teoria de Costas, mas ele caminha na direção da terceira dimensão, que tem sido negligenciada por muitos, a Conceitual:

Por Crescimento Conceitual, referimo-nos à expansão na inteligência da fé: o grau de consciência que a comunidade eclesial tem a respeito da sua existência e razão de ser, sua compreensão da fé cristã, seu conhecimento da fonte dessa fé {as Escrituras}, sua interação com a história dessa fé e sua compreensão do mundo que a rodeia.¹⁵

Não por acaso, o apóstolo Pedro disse: “Antes, santificai ao Senhor Deus em vossos corações; e estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós..”¹ Pedro 3:15

Como vimos, importa ao Espírito Santo que os discípulos de Jesus estejam preparados para dar respostas coerentes, sensatas e, sobretudo, bíblicas para as pessoas. Isto é, o que Costas chama de dimensão conceitual.

A igreja precisa de uma reflexão bíblica teológica capaz de dar conta das demandas e perguntas de seu contexto. É das Escrituras que emanam as respostas que a igreja precisa dar aos seus ouvintes em seu labor missional. A pregação e o ensino são ferramentas imprescindíveis para o crescimento conceitual da igreja.

Hernandes Dias Lopes, afirma que:

Quando a igreja alcança um índice elevado de crescimento saudável a pregação tem sempre grande ênfase. Durante os eventos mais importantes da história da igreja, como reforma e reavivamentos, a pregação ocupou uma posição destacada. Se, por um lado, a pregação poderosa marcou os momentos culminantes da história da igreja, por outro as crises mais profundas da igreja foram causadas pelo fracasso na pregação. A fraqueza da igreja é resultado da pregação débil. A falta de crescimento da igreja é um diagnóstico da falta de pregação poderosa. Quando o púlpito falha, a igreja deixa de crescer. Quando há reavivamento no púlpito, há aumento do número de bancos. A ligação entre púlpito e crescimento da igreja é muito estreita¹⁶.

É importante ressaltar que como vimos no início da citação acima, é até possível crescer numericamente, sem contudo, crescer conceitualmente, mas este tipo de crescimento, divorciado do apego as Escrituras, terá pouco êxito, por falta do crescimento conceitual,

¹⁴ KELLER, Timothy. **A dinâmica entre liderança e tamanho de igreja:** Como a estratégia muda com o crescimento. Artigo, Tradução: Viviany Viguier, Redeemer City to City, USA, 2010.

¹⁵ COSTAS, Orlando E. **Dimensiones del crecimiento integral de la iglesia.** Revista Misión, Jul/set., 1982. p.13

¹⁶ LOPES, Hernandes Dias. **Pregação Expositiva:** sua importância para o crescimento da igreja. São Paulo: Hagnos, 2008. p.232

gerado pela pregação, ensino, discipulado, embasados numa hermenêutica contextual ¹⁷ correta.

A última dimensão defendida por Costas em sua tese é a diaconal! O missiólogo, defende que a “diaconia aponta para a vocação da igreja de amar” (1994, P. 15). A igreja como comunidade do Reino de Cristo precisa olhar para seu entorno e ouvir os gritos e os clamores de tantos. Não pode fechar seus olhos para o cuidado com os aflitos que, muitas vezes, agonizam por conta das mazelas sociais e, invisibilizados, sucumbem. Desta forma crescer em seu serviço para com a comunidade onde está inserida é um aspecto fundamental da missão da igreja. Para Costas, é de vital importância que a igreja se encarnasse na história de vida de sua comunidade, do seu bairro, de sua cidade. É impensável em sua tese a ideia de que a igreja não ame e, como resultado do amor, sirva seu próximo.

O apóstolo Tiago, em sua carta universal, se preocupa com esta dimensão defendida por Costas.

Para Tiago, a espiritualidade verdadeira e sadia era aquela que não fechava os olhos para as necessidades do homem em todas as suas dimensões. Longe da dicotomia alma X corpo, que fazia com que muitos pensassem que a preocupação da igreja deveria ser apenas com a salvação da alma e nada mais, pensamento ainda presente e forte em nosso tempo. Tiago encerra a ideia de que para além da dimensão soteriológica a igreja precisa sim, preocupar-se com o homem em sua totalidade, especialmente os mais fracos. “A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo.” (Tiago 1.27). Vejam como no texto, ao que tudo indica, a preocupação de Tiago é com as dificuldades materiais que alguns órfãos e viúvas atravessavam, pois na sociedade romana não haviam leis que regulassem a ajuda a estas classes.¹⁸

Como vimos a diaconia da igreja demonstra a concretude do amor de Deus pelo mundo. A igreja não pode prescindir da inserção na vida comunitária. Os problemas estruturais da sociedade precisam, também, do olhar e cuidado atentos da igreja de Cristo.

Paschoal Piragine Jr parafraseando Orlando Costas, comenta:

Na dimensão diaconal, a igreja está preocupada em encarnar Jesus, seu amor e sua ética em todos os aspectos da vida. Entende-se por crescimento diaconal a intensidade do serviço que a igreja presta ao mundo como mostra concreta do amor redentor de Deus. A dimensão diaconal envolve ainda o impacto do ministério reconciliador da igreja no mundo; o grau de participação na vida, nos conflitos, nos temores e nas esperanças da sociedade, uma vez que seu serviço ajuda a aliviar a dor humana e a transformar as condições sociais.¹⁹

É assim que Costas pensa o crescimento da igreja; ele deve acontecer de forma multidimensional. Levando em consideração áreas importantes de atuação da igreja no

¹⁷ Recomenda-se a leitura do cap. 5 do livro “O que não é missão integral?” escrito pelo autor deste artigo que discorre sobre hermenêutica contextual e círculo hermenêutico.

¹⁸ OLIVEIRA, Valtenci. **Fé Encarnada**: por uma espiritualidade genuinamente integral. São Paulo: Garimpo/ALEF, 2017. p.47

¹⁹ PIRAGINE, Paschoal. **Crescimento integral da Igreja**. Um crescimento em múltiplas direções. São Paulo: Vida, 2006.p.45

cumprimento de sua missão. Uma igreja que cresce tanto em quantidade quanto em qualidade e funcionalidade.

Superando os extremos: princípios bíblicos e dimensões

Ainda refletindo sobre a superação dos extremos da numerolatria e da numerofobia, nos deteremos na proposta de Igreja Multiplicadora, formulada pela Convenção Batista Brasileira.

A visão de Igreja Multiplicadora é a visão de multiplicação intencional baseada em cinco princípios bíblicos de crescimento para a igreja local, com o objetivo de cumprir a Grande Comissão. O mais importante da visão é a sua fundamentação bíblica e a sua aplicabilidade em qualquer contexto ou modelo de igreja hoje. Esses cinco princípios são: Oração, Evangelização Discipuladora, Plantação de Igrejas, Formação de Líderes e Compaixão e Graça.²⁰

Longe da preocupação apenas com o crescimento do rol de membros de uma igreja local, o paradigma de Igreja Multiplicadora, de certa forma, surge, com a finalidade de provocar o crescimento numérico tanto da igreja local quanto no aspecto global geográfico. Isto é, não se resume apenas em acrescer o número de membros da igreja local em seu contexto geográfico, mas o crescimento do número de discípulos de forma mais ampla, também, para além do contexto geográfico da igreja local.

Distinto, mas não disjunto da proposta de Orlando Costas o paradigma de Igreja Multiplicadora não opta pela questão das dimensões aplicadas ao crescimento de igreja, mas corrobora com esta perspectiva quando aponta princípios bíblicos universais para o crescimento saudável da igreja. Logo, se a proposta é o crescimento de forma salutar da igreja ela se aplica as dimensões de Crescimento da teoria de Costas, cujo objetivo final é o crescimento integral da igreja, que em última análise, podemos dizer que é o crescimento saudável da igreja.

Ao optar por princípios neotestamentários, Igreja Multiplicadora afirma que ser bíblico deve ser o principal aspecto de uma igreja. Se a igreja deseja crescer saudavelmente em todas as dimensões, tanto localmente quanto globalmente, não pode prescindir dos princípios básicos da fé cristã encontrados no Novo Testamento.

John Stott, discorre sobre como eram os discípulos da nascente igreja do primeiro século.

Primeiro, eles se relacionavam com os apóstolos. Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos. Uma igreja viva é uma igreja apostólica. Segundo, eles se relacionavam entre si. Eles amavam uns aos outros. Uma igreja viva é uma igreja que cuida das

²⁰ BRANDÃO, Fernando. **Igreja Multiplicadora: 5 princípios Bíblicos para crescimento**. Rio de Janeiro: Convicção, 2014.p.21

peessoas e compartilha com elas. Terceiro, eles se relacionam com Deus. Eles cultuavam a Deus no partir do pão e nas orações, com alegria e reverência. Uma igreja viva é uma igreja que adora. Quarto, eles se relacionavam com o mundo exterior. Eles buscavam pessoas por meio do testemunho. Uma igreja viva é uma igreja que evangeliza.²¹

Infelizmente, o Movimento de Crescimento de Igreja, ao dar ênfase ao pragmatismo, preteriu o viés bíblico; com isso, no afã de verem seus templos lotados, algumas igrejas abriram mão de submeter seus métodos e práticas para multiplicação de discípulos, as Escrituras. Igreja Multiplicadora, não está tão preocupada com métodos, mas com princípios bíblicos que devem ser o parâmetro para os métodos. Aliás, princípios que podem ser aplicados, segundo o modelo, a qualquer contexto ou modelo de igreja hoje.

O livro de Atos nos mostra vários princípios colocados em prática pela igreja neotestamentária, revelando a ação do próprio Deus por intermédio de seu povo. O fruto dessa ação foi uma grande multiplicação de discípulos e igrejas, que se reproduziam, fazendo novos discípulos e plantando novas igrejas. Em cerca de 15 anos, os discípulos foram espalhados por grande parte do mundo conhecido da época.²²

Desta forma os métodos e ações para crescimento de igreja devem se relacionar e, ser amparados, aos princípios bíblicos aplicados à vida de cada discípulo, a fim de que, de forma saudável, a igreja cresça numericamente e, também, novas igrejas sejam plantadas.

Assim, o primeiro princípio de Igreja Multiplicadora, é a oração.

A oração não era eventual para os momentos de crise, nem casual no dia a dia da igreja do Novo Testamento. Ela fazia parte do estilo de vida da igreja. Eles oravam em todo tempo sem cessar {...} A visão de Igreja Multiplicadora busca desenvolver a prática da oração de forma mais intensa e contínua na vida de cada crente, na família, na vida dos líderes e na igreja local.²³

Para o modelo de Igreja Multiplicadora o princípio bíblico da oração é fundamental para o crescimento da igreja. Não haverá multiplicação saudável e integral, sem a disciplina da oração. Podemos aliar este princípio a dimensão conceitual elencada por Costas, pois como já vimos, esta dimensão tem a ver com o “crescimento da compreensão de fé”. Um dos princípios mais importantes da vida cristã é, sem dúvidas, a oração. O Novo Testamento mostra a ênfase dada a ela tanto por Jesus como pelos apóstolos.

Outro princípio fundamental é a Evangelização Discipuladora.

Os discípulos compartilhavam as Boas-Novas em tempo e fora de tempo, estabelecendo relacionamentos discipuladores e usando várias estratégias de acordo com o contexto social. O processo de evangelização estará incompleto se não andarmos algumas milhas com as pessoas, compartilhando-lhes verdade e vida. A Evangelização Discipuladora consiste na comunicação do Evangelho aliada ao

²¹ STOTT, John. **A Igreja Autêntica**. Viçosa: Ultimato, 2013.p.30

²² FREITAS, Fabrício. **De volta aos princípios: vivendo o jeito bíblico de ser igreja**. Rio de Janeiro: Convicção, 2015.p.18

²³ BRANDÃO, Fernando. **Igreja Multiplicadora: 5 princípios Bíblicos para crescimento**. Rio de Janeiro: Convicção, 2014.p.22

relacionamento discipulador, que é o relacionamento intencional de um discípulo com outra pessoa visando torná-la outro discípulo, vivenciando as três dimensões do discipulado: chamar, agregar e aperfeiçoar discípulos multiplicadores.²⁴

Evangelização e discipulado, como vimos acima, implica numa caminhada discipular intencional com alguém que se quer consolidar como discípulo de Jesus. É possível, também, alinharmos esta perspectiva a tese de Orlando Costas. Assim a dimensão do crescimento numérico está diretamente relacionada a evangelização enquanto a dimensão do crescimento conceitual, relacionada ao discipulado.

Outrossim, Igreja Multiplicadora apresenta, também, o princípio da Plantação de igrejas tão recorrente no Novo Testamento.

A multiplicação de igrejas foi uma ação estratégica coordenada pelo Espírito Santo logo no início da expansão da igreja no Oriente Médio, na Ásia e na Europa. {...} Em todo lugar que os discípulos chegavam, eles buscavam, intencionalmente, plantar uma igreja. Esse princípio traduz uma estratégia necessária também para nossos dias, a fim de que, assim como foi no primeiro século, multipliquemos o número de igrejas pelo Brasil e pelo mundo.²⁵

Distante de se preocupar apenas com o crescimento numérico da igreja local, se percebe no Novo Testamento a preocupação missionária da igreja e dos apóstolos, cujo objetivo era plantar novas igrejas em novas áreas geográficas. Este princípio está entrelaçado na dimensão do crescimento numérico apresentada por Orlando Costas, e, ambos diferem das propostas de igrejas cujo objetivo é crescerem numericamente, apenas, o rol de membros local.

É fartamente defendido pelos missiólogos que o plantio de igrejas, e não apenas o evangelismo individual, é um ensino contido na Grande Comissão. Autores como Hesselgrave, Johnstone e Bosch expõem de forma marcante que o “fazer discípulos” da Grande Comissão é uma ordem que desembocaria no agrupamento dos crentes e consequentemente na formação de igrejas locais, para expansão do Reino de Deus. Tudo indica que já no final do primeiro século a igreja percebeu a necessidade da Ekklesia – igreja local – para o enraizamento do Evangelho nas cidades, províncias e regiões mais distantes entre os gentios. Isso significa, uma vez mais, que o ato de evangelizar alcança uma pessoa, mas o processo de plantar igrejas faz com que o Evangelho permaneça para as futuras gerações.²⁶

Como vimos, a plantação de igrejas é um princípio do Novo Testamento. Os apóstolos não estavam preocupados apenas em consolidar discípulos de determinada localidade, mas em expandir e plantar igrejas em outras regiões. Portanto, uma igreja que cresce saudavelmente, não cresce só localmente, mas planta e coopera na plantação de igrejas em outros locais.

Um outro fator de extrema relevância para a tese de princípios, conforme a proposta do modelo de Igreja Multiplicadora é a formação de liderança. Este princípio é vital para o crescimento saudável da igreja. Se não houver liderança o crescimento saudável fica comprometido.

²⁴ Idem, 22

²⁵ Idem, 23

²⁶ Idem, 95

A formação de líderes multiplicadores é chave dentro dos planos do Senhor Jesus de chegar até os confins da terra com as Boas-Novas de salvação. A igreja com líderes sem visão e que não invistam na formação de novos líderes dificilmente passará esta geração. Com a multiplicação de igrejas, inevitavelmente vai surgindo a necessidade de formar novos líderes. Durante suas viagens missionárias, o apóstolo Paulo sempre focava a formação e capacitação de novos líderes para que a igreja continuasse no seu crescente desenvolvimento e multiplicação.²⁷

Então, para Igreja Multiplicadora, Crescimento de Igreja, tem a ver, também, com crescimento de liderança. Quando cruzamos este princípio com a dimensão orgânica proposta por Orlando Costas, entendemos que se ele não for perseguido a igreja poderá ter seu crescimento numérico limitado.

O último princípio elencado pelo modelo de Igreja Multiplicadora está totalmente alinhado com a dimensão diaconal de Costas, é o princípio Compaixão e Graça.

O Senhor Jesus sempre se compadeceu dos sofrimentos das pessoas. Ele, em vários momentos, encheu-se de compaixão diante da multidão que parecia como ovelhas sem pastor (Mateus 9.36). A igreja, noiva de Cristo, não pode fechar os olhos para as necessidades das pessoas dentro do seu raio de alcance, e até mesmo em lugares mais distantes. Percebe-se que estas igrejas, ainda na tenra idade, sabiam que o ministério a desenvolver deveria ser abrangente. E seu cuidado com as pessoas fez com que caíssem na graça de todo o povo e se tornassem relevantes, impactando as pessoas com o Evangelho. São inúmeras as oportunidades para demonstrarmos compaixão, ministrando graça, aos que sofrem. A igreja local não pode ficar alheia e ausente diante dos desafios sociais ao nosso redor. A igreja do Senhor Jesus tem compromisso com a dignidade humana à luz dos valores cristãos.²⁸

Tanto para Brandão quanto para Costas a diaconia da igreja é percebida no desenvolvimento do princípio da Compaixão e Graça. Crescimento, também, precisa ser percebido como crescimento diaconal, isto é, no serviço.

É assim, que o modelo de Igreja Multiplicadora e a teoria das dimensões do crescimento, se alinham fornecendo um paradigma que fornecem um entendimento e uma compreensão mais ampla e profunda do termo crescimento aplicado a igreja.

Considerações finais: por uma eclesiologia bíblica e integral do crescimento da igreja!

Como vimos, a proposta deste artigo foi, tanto, criticar o modelo de crescimento de igreja baseado apenas nos números, quanto, demonstrar a inconsistência da teoria do qualificável em detrimento do quantificável; rejeitando assim, os aspectos da numerolatria e da numerofobia, encarados como perfis para o crescimento de uma igreja.

²⁷ Idem,23

²⁸ Idem?

Caminhamos, então na direção, de uma eclesiologia do crescimento de igreja que leve em consideração tanto dimensões quanto princípios bíblicos. Assim, nossa expectativa é a de que a união destes dois aspectos, seja capaz de fornecer tanto a igreja, localmente quanto globalmente, um crescimento saudável e integral, isto é, tanto quantitativo como qualitativo.

Estas duas características se entrelaçam e complementam-se! É possível enxergarmos na teoria do Crescimento Integral, princípios bíblicos universais que corroboram com a aplicabilidade das dimensões do crescimento. Também, é percebido no modelo de Igreja Multiplicadora as dimensões da teoria do Crescimento Integral. De forma que quando analisamos as duas perspectivas, acabamos por perceber que há um alinhamento entre elas. Tanto as dimensões são baseadas em princípios quanto, da mesma forma, os princípios servem as dimensões. Por isso, acreditamos que a junção das duas teorias formulam o que denominamos “Eclesiologia Bíblica e Integral do Crescimento da Igreja”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Fernando. **Igreja Multiplicadora: 5 princípios Bíblicos para crescimento**. Rio de Janeiro: Convicção, 2014.

CHO, David Yonggi. **50 Anos de Esperança: o milagre da igreja em células**. São Paulo: Vida, 2011.

COSTAS, Orlando E. **Dimensões do Crescimento Integral da Igreja**. In: Steuertnagel, Valdir Raul (org.). *A missão da Igreja: uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a igreja na antevéspera do terceiro milênio*. Belo Horizonte: Missão Editorial, 1994.

_____. **Dimensiones del crecimiento integral de la iglesia**. Revista Misión, Jul?set., 1982.

FREITAS, Fabrício. **De volta aos princípios: vivendo o jeito bíblico de ser igreja**. Rio de Janeiro: Convicção, 2015.

FRESTON, Paul. **Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Campinas, Tese de Doutorado, IFCH-Unicamp, 1993.

KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

_____. **A dinâmica entre liderança e tamanho de igreja: Como a estratégia muda com o crescimento**. Artigo, Tradução: Viviany Viguier, Redeemer City to City, USA, 2010.

LOPES, Hernandes Dias. **Pregação Expositiva: sua importância para o crescimento da igreja**. São Paulo: Hagnos, 2008.

MACARTHUR, Jonh. **Como devemos cultuar a Deus?** Revista Fé para hoje. Editora Fiel, n.10, p.9-10, 2001.

OLIVEIRA, Valtenci. **Fé Encarnada:** por uma espiritualidade genuinamente integral. São Paulo: Garimpo/ALEF, 2017.

_____. **Marcas de uma Igreja Relevante.** Belo Horizonte: Koinonia, 2015.

_____. Et Al. (org). **Igreja em Movimento Comunidades em Transformação.** São Paulo: Garimpo/ALEF, 2016.

_____. Et Al. (org). **Venha o Teu Reino:** uma igreja para hoje. Viçosa: Ultimato, 2018.

PIRAGINE, Paschoal. **Crescimento integral da Igreja.** Um crescimento em múltiplas direções. São Paulo: Vida, 2006.

STOTT, John. **O discípulo Radical.** Viçosa: Ultimato, 2011.

_____. **A Igreja Autêntica.** Viçosa: Ultimato, 2013.

STEUERNAGEL, Valdir; BARBOSA, Ricardo (org). **Nova Liderança:** Paradigmas de liderança em tempo de crise. Curitiba: Esperança, 2017.